

5

O aquário de Leonor

O binarismo colonizador-colonizado ou explorador-explorado é trabalhado no conto “O aquário”, que trata de um caso de adultério, em que Leonor, a patroa branca, se interessa pelo empregado negro. Neste conto, como nos outros de *Regresso Adiado*, encontramos a representação literária da sociedade colonial desenhada por Manuel Rui, em que “dois pólos – colono e colonizado – marcam o jogo de forças e de tensões da situação colonial”.⁸⁷

A peculiaridade desta narrativa reside numa mudança de perspectiva. Aqui, quem sente o desejo e cria uma situação para satisfazê-lo é a mulher e o desejo sexual só é alcançado dentro da atmosfera da proibição. Existe em “O aquário”, de acordo com Manuel Ferreira, “uma profunda e rígida antinomia ética e racial no plano das relações sexuais. Sobretudo quando agravada pela diferença de condições de classe e considerada ilegítima pelos preceitos legais e preconceitos raciais.”⁸⁸

Segundo Renate Zahar, a alienação do colonizado não se manifesta somente na sua atividade social que reflete a alienação das condições econômicas em reação às instituições e normas da sociedade colonial, mas ainda nas suas relações pessoais e no seu comportamento sexual.⁸⁹ Ele afirma também que:

São precisamente as relações sexuais com Europeus que dão aos colonizados, no domínio privado, um simulacro de solução aos seus problemas que, sendo produzidos por condições objetivas, não podem ser resolvidos no plano subjetivo. Pela sua ligação com um Branco, a mulher negra vê abrir-se um acesso ao mundo adorado dos dominadores; o homem negro, ao manter relações sexuais com uma Branca, vinga-se do colonizador e demonstra que é seu igual e um homem como ele.⁹⁰

Contudo, não é isso acontece em “O aquário”. Pelo contrário, ao manter relações sexuais com a patroa, o empregado negro, Jaime, demonstra como o

⁸⁷ ZAHAR, Renate. *Colonialismo e Alienação*. Lisboa: ULMEIRO, 1976, p. 56.

⁸⁸ FERREIRA, Manuel. op. cit. , p. 9.

⁸⁹ ZAHAR, Renate. op. cit, p.100.

⁹⁰ Ibid., p. 105.

sistema colonial pode ser cruel, tornando-se um exemplo da violência investida contra o colonizado.

A imagem do aquário reflete a diferença racial e a separação pela cor, onde de um lado ficam os peixes vermelhos e do outro os pretos ⁹¹, representando, assim, um ambiente em que seres que se diferem pela cor são obrigados a conviver de forma tensa. Neste aspecto, Manuel Rui denuncia um sistema colonial que difere do discurso colonialista que apregoava a mistura de colonos e colonizadores. Com a encenação desta desigualdade, o autor denuncia práticas simbólicas que ocultam a violência colonial, ironizando, de certa forma, os discursos baseados na generosidade do colonizador.

O título do conto também possui uma grande importância, pois pode ter dupla significação, já que tanto pode referir-se ao aquário dos peixes pretos e vermelhos quanto ao aquário criado por Leonor para admirar o corpo do criado. Este último representado pela casa de banho onde o servente se banhava e a patroa podia contemplar seu corpo:

Pela nesga de vidro transparente aparecia o criado, de costas, até à cintura. Leonor saltou. Foi ao escritório. Abriu a gaveta da secretária e tirou os binóculos que o marido utilizava para seguir o Grande Prêmio Automóvel de Luanda. A gargalhada vinha ao de cima. Mas ria-se contidamente como se estivesse a preservar o silêncio. Ria-se como uma adolescente que vai cometer uma indiscrição. Empoleirou-se de novo. Afastou, aproximou a imagem até a situar no ponto ideal. E experimentava uma excitação que lhe arfava os seios, arrefecendo-lhe a pele, arrepiando-lhe os braços. Uma excitação que quase lhe fazia perder o equilíbrio. Apoiou-se ao pilar com uma das mãos e com a outra susteve o binóculo já regulado. Via bem, em grande plano. O criado ensaboava a cabeça. O cabelo em pequenos borbulhos de espuma. Lembrou-se de amoras brancas. A água corria em fios por sobre o dorso brilhante. Esticou-se em bicos de pés mas a estreiteza da transparência e a pouca profundidade do cubículo não ofereciam hipóteses de observar o negro abaixo da cintura. Mesmo assim permaneceu até o fim, quando o servente se deslocou para um dos cantos agarrando uma enxerga pendurada num prego. E a imagem desaparecia. ⁹²

As limitações humanas também se mostram implacáveis durante a narrativa ⁹³. Limitações que, no caso de Leonor, se apresentam como um desvio na conduta humana. Alguns desses desvios são cometidos conscientemente,

⁹¹ RUI, Manuel. "O aquário". In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 47.

⁹² Ibid. p. 56-57.

⁹³ FERREIRA, Manuel. op. cit., p. 10.

segundo Eunice Piazza Gai. Para a autora, alguns personagens, assim como Leonor, “comentem conscientemente atos que, no fundo, [os] vão prejudicar”⁹⁴.

Fazer algo com a consciência de que será prejudicial, instaura uma contradição que constitui uma ironia, configurando uma fraqueza. Leonor, por ter essa consciência, precisava de uma desculpa para se convencer de que seu desejo era apenas uma brincadeira: “Trepou no muro da varanda e inventou uma gargalhada interior a sugerir-lhe aquela estranha curiosidade como algo sem importância que não passava de uma brincadeira para contar à Sonia.”⁹⁵

Não satisfeita com a visão que teve da outra casa de banho, e já planejando um modo de saciar seus desejos, Leonor obriga Jaime a utilizar o banheiro dos patrões, ficando “imensos instantes”⁹⁶ escutando o barulho da água sobre o corpo do negro a fim de surpreendê-lo sem roupa:

E no corredor saboreou gota a gota o banho. Quando a torneira se fechou de novo, pôs a mão no trinco, hesitou um momento e reabriu a porta de repente. O criado tinha os pés sobre o tapete, numa posição caricata, de nádegas para Leonor, enrolou-se de imediato no lençol de banho. Leonor andou para a porta, calculou o tempo que ele demorava a limpar-se e de costas chamou:

– Jaime.

– Senhora.

– Chega aqui. – E como o negro não se mexia trouxe-o empurrado. Ele mantinha as mãos sobre o sexo.

Agora Leonor desembaraçava-se da bata. Exposta, ante a expressão semi-atónita do criado que continuava a ocultar o sexo, atirou-se freneticamente para as mãos, tomou parte ativa, subjugou o gigante abrindo-lhe com os lábios a boca cerrada e libertando as mãos, como uma mola, tudo o que desejava. E um caudaloso rio cresceu entre os dois corpos. Um rio de águas turvas que arrastava árvores, grandes torrões de terra barrenta, raízes apodrecidas. Um rio que acabava por rebentar um enorme dique.⁹⁷

Saciado o desejo, Leonor se vê numa situação em que é preciso livrar-se logo de todas as evidências. Porém, antes de ter essa oportunidade, é surpreendida pela volta inesperada do marido. Seu recurso, então, para solucionar o problema, baseou-se no que foi pré-estabelecido socialmente como costumeiro: a dominação do homem sobre a mulher. Para Manuel Ferreira, a crueldade, neste momento,

⁹⁴ GAI, Eunice Piazza. loc.. cit.

⁹⁵ RUI, Manuel, op. cit. , p. 56.

⁹⁶ Ibid, p. 63.

⁹⁷ Ibid, p. 63-64.

“age como uma víbora, rápida e mortal. E o que é força prodigiosa da natureza se transforma em limo viscoso.”⁹⁸

Quando Leonor acabou, fez tudo para acreditar num sonho. Mas era realidade e procurava ganhar coragem para dizer ao servente que saísse, guardasse segredo, desaparecesse. Apertava ao espelho os botões da bata e o negro esperava tiritante no corredor. Com as mãos no sexo. E ouviu-se uma chave na porta de entrada, Leonor ficou um segundo perplexa até decidir-se e, a passos largos para sala a gritar em voz alta:

– Socorro!

Estava defronte do marido, às vistas de Diogo e do indivíduo da psico. Agarrou-se a Vitorino.

– Meu Deus! Se tu não chegas agora nem eu sei o que me sucederia. Vocês não entrem, não entrem, por favor.

Vitorino passou ao corredor sem saber ainda do que se tratava, mas assim que deu com o negro todo nu vibrou um murro na cara do gigante. O sangue jorrou.

– Não, aqui não, perdes a cabeça, pode acontecer uma desgraça pior, levem-no para a esquadra.

Soluçava Leonor. Espumava Vitorino.

– Eu mato este cão.

Para conter os nervos foi à casa de banho, lavou as mãos espirradas de sangue e reparou na roupa do criado bem como no lençol de banho. Inspeccionou a banheira. Tinha pequenos cabelos que não eram lisos. Inspeccionou a toalha. Estava úmida e também com alguns cabelos. No corredor reencontrou o negro naquela pose de recolhimento.

– Vai-te vestir. Depressa, para ajustarmos contas. – E regressou à sala.

– Parece impossível. Eu até gramava este gajo. – dizia Diogo.

– Isto cada vez está pior. Deve estar drogado. Metem-se na liamba – acrescentou o da psico.⁹⁹

O trecho acima demonstra o assédio sofrido pelo colonizado e a imposição do poder do colonizador em criar e apagar uma situação de acordo com a sua conveniência. A habilidade de Leonor na camuflagem da situação é surpreendente. No entanto, mais espantosa ainda é a frieza do marido que, ao perceber as evidências de que o fato poderia ter ocorrido de forma diferente do relato da esposa, manteve-se firme na intenção de punir o empregado e não a mulher. A punição da vítima e não do agressor constitui outra contradição presente neste conto.

Seguiram-se os três com o criado. Leonor viu a carrinha partir e logo que esta se afastou foi à casa de banho. Lavou a banheira, recolhendo um por um os cabelos que o negro deixara, atirou o lençol de banho para o cesto da roupa suja, após o

⁹⁸ FERREIRA, Manuel. op. cit. , p. 10.

⁹⁹ RUI, Manuel. op. cit. p. 65-66.

que, no quarto, retirou os lençóis da cama fazendo-a de lavado. Despiu a bata e frente ao espelho, completamente nua, contemplou-se e aspergiu-se de água-de-colônia. Estava tudo limpo.

– Valha-me Nossa Senhora! – gritou ao ouvir o barulho da queda de qualquer coisa e um estilhaçar de cacos no chão. Nua, com os seios a baloiçar, correu ao escritório.

A peanha partira-se. O pequeno aquário escaqueirara-se. Os peixes barbatavam no chão em asfixia. E o zambi, o culpado, com uma das patas no ar, tinha já na boca um peixinho vermelho.

Leonor levou as mãos à cabeça. Não era um sonho.

– O meu aquário!¹⁰⁰

Leonor consegue livrar-se de todas as evidências de sua culpa ou, pelo menos, do aspecto de anormalidade incompatível com sua história. O aquário desfaz-se, tanto física quanto metaforicamente. A quebra do aquário coincide com o processo de destruição existente no conto que, segundo Manuel Ferreira, num determinado momento, “as forças cegas e puras da natureza desencadeiam todo um processo de destruição.”¹⁰¹

No referido conto, a dualidade está sempre presente, como, por exemplo, na relação branco *versus* negro e na colonizador *versus* colonizado. Porém, a dualidade homem *versus* mulher é a que se dá de forma distinta do convencional, já que, neste caso, a mulher é o colonizador que deseja o colonizado. O sistema colonial lhe permite exercer soberania sobre o rapaz, fazendo com que o empregado seja subjugado a ela.

Com o rompimento do aquário, ocorre também a invalidação do conflito dentro daquela casa entre os peixes de coloração diferentes e entre os colonizadores e o colonizado. Podemos tomar essa imagem como uma metáfora-limite do convívio tenso entre colonizadores e colonizados no mesmo ambiente. O conto, de certa forma, antecipa as rupturas que caracterizarão o período pós-independência em Angola.

¹⁰⁰ Ibid. p. 66.

¹⁰¹ FERREIRA, Manuel. op. cit. , p. 9.